

NO CORAÇÃO DA EUROPA

Béatrice Panaro*

(Traduzido do italiano por Giuliana Fuzi)

Há um ano, imagens de horror circulavam pelo mundo. Durante vários meses, milhões de europeus se transformaram em testemunhas impotentes de tais imagens.

A história transmitida pela mídia é facilmente aceita pelos leitores e ouvintes. Aquela escrita no silêncio do cotidiano e no sacrifício não é conhecida e muitas vezes sequer é considerada por nossa mentalidade burocrática que exige provas escritas para considerar um acontecimento como verdadeiro.

Do além aceano, agradecemos à redação da Travessia que nos dá a possibilidade de trazer a público algumas páginas da história cotidiana vivida - por nós testemunhada pessoalmente - pelos albaneses Kosovares refugiados na Alemanha e na Suíça.

Xhevdet, pai de oito filhos, conta-nos os motivos do exílio

“Após o fim da autonomia do Kosovo, em 1989, fizemos greve contra as péssimas condições de trabalho e contra o regime. Fomos todos dispensados. A partir daquele momento cada família tenta sobreviver graças a ajuda dos parentes que trabalham no exterior. As crianças frequentavam clandestinamente a escola em língua albanesa, escondidas em porões.

Em 1997, quando se formou o exército de libertação do Kosovo, sentíamos próxima a eclosão da guerra. Tínhamos medo. Em outubro de 98 as tropas sérvias começaram a expulsar a população das aldeias; os homens ingressaram no exército, as mulheres, as crianças e os idosos fugiram sem poder levar nada de seus pertences. Procuramos refúgio nos bosques. Para evitar que fôssemos localizados impedíamos que nossas crianças chorassem. Para sobreviver comíamos folhas e raízes. Fazia muito frio, estávamos em meio à lama.

Quando a OTAN iniciou os ataques, isso foi em 24 de março de 99, pudemos sair do esconderijo e caminhar através de bosques e montanhas, para a Albânia e a Macedônia. Fomos acolhidos nos campos de refugiados. Não havia lugar para todos. Muitos tiveram que se refugiar no exterior, mas as vagas no transporte organizado eram limitadas. Para os nossos filhos, desejávamos alcançar a Suíça. Mas para tanto precisava dispor de 500 francos suíços por pessoa, até Milão. Várias pessoas nos emprestaram dinheiro. Uma vez chegados em Milão, estávamos cansados e sujos, não entendíamos nada, mas as pessoas que encontramos demonstraram muito carinho para com as crianças. Para chegar à Suíça, os contrabandistas exigiam mais 500 francos suíços por pessoa, que conseguimos através de novos empréstimos, que até o momento não conseguimos saldar”.

Junho/99: longas filas e jornadas de espera diante dos centros de cadastramento...

Na Suíça, o Escritório Federal para os Refugiados e os governos regionais ativam as forças “*task forces*” para fazer frente ao grande número de refugiados kosovares. O governador da região de Solothurn decide aumentar a cota de acolhida dos municípios, passando de um refugiado a cada 430 habitantes para um refugiado a cada 100 habitantes. Diversos grupos encarregados pelos serviços sociais dos municípios preparam alojamentos e assistência. Várias cidades vêm-se obrigadas a abrir seus abrigos subterrâneos anti-atômicos porque não bastam os alojamentos de superfície. Ao mesmo tempo, os meios de comunicação empreendem campanhas de solidariedade.

Em termos de alojamento e infra-estrutura tudo está pronto para a acolhida. Também os assistentes sociais, juntamente com os terapeutas e os intérpretes, estão prontos para fazer frente à situação traumática em que se encontram e para reforçar, através de projetos ocupacionais, sua condição psíquica e social, tendo em vista também o retorno.

“Quando chegamos estávamos contentes de estar num lugar seguro, de poder comer e dormir. Não parecia verdade, depois de oito meses. Após alguns dias começaram a vir à tona as imagens de tudo aquilo que vivemos. Nossa vida estava a salvo, mas nossos parentes que ficaram em Kosovo... nos sentíamos culpados. Por esse motivo permanecíamos em casa diante da televisão para acompanhar a evolução dos fatos, na esperança e ao mesmo tempo no temor de ouvir os nomes de nossos parentes encontrados ou desaparecidos.

Os assistentes queriam nos ajudar, e ficamos agradecidos por isso, mas quando temos um problema, normalmente tratamos dele em âmbito familiar”.

(Nunca saberemos quantas mulheres foram violentadas antes de empreender a fuga. ndr.)

Os refugiados não têm apenas necessidades de auxílios materiais e psicológicos, mas recebem esperança e força no encontro com os que se fazem solidários e compartilham com eles este dramático momento de sua história

Os refugiados não têm o direito de trabalhar, por isso um dos problemas maiores é o de como ocupar o tempo e as energias. Diante dessa situação, como Missionárias Seculares Scalabrinianas, pensamos em oferecer aula de costura e cursos de língua alemã nas casas ou nos alojamentos coletivos. A Cáritas de Stuttgart (Alemanha) e de Solothurn (Suíça), que administram os centros de acolhida, aceitaram prontamente nossa colaboração.

“Ao entardecer, enquanto me entretinha com uma família, entrou a polícia procurando o marido que tinha chegado na Suíça há poucos dias, fugindo da guerra e que ainda não tinha sido cadastrado.

O olhar da esposa e das crianças estampava o medo de que a família fosse novamente separada, após vários meses de separação sem notícias. Foi uma dádiva para mim poder compartilhar este momento difícil e participar depois da alegria e do alívio quando, graças a intervenção da assistente social, a situação foi esclarecida e solucionada positivamente, pois foi oferecida ao homem a possibilidade de apresentar seu pedido de asilo e de poder, nesse meio tempo, viver junto com sua família.

Num outro dia, uma senhora não me deixou ir embora sem antes aceitar um pedaço de pão que tinha acabado de tirar do forno, sinal de convivência, de dom oferecido mesmo em sua pobreza.” (Sulle strade dell'esodo, ago-set/99).

Com os jovens que mensalmente participam dos encontros internacionais de oração e formação à catolicidade no Centro de Espiritualidade dos Missionários Scalabrinianos em Stuttgart e no Centro

Internacional de Formação para Jovens “G.B. Scalabrini”, em Solothurn, várias vezes fomos visitar famílias kosovares nos centros de acolhida.

Experimentamos e compartilhamos a pobreza de não podermos nos comunicar com palavras. Um limite que abriu espaço para o que é mais essencial: o relacionamento que faz a pessoa reviver. Vimos rostos cansados, tensos, chocados pela guerra. As crianças, de modo particular, pareciam ter sido postas à prova, apresentavam olhar amedrontado e estremeciam diante de qualquer coisa. As meninas cuidavam dos menorzinhos, carregando-os ao colo, sérias, atentas, como se de repente tivessem se tornado adultas. Para distraí-las e ajudá-las a superar o trauma da guerra e da fuga inventamos para elas tardes de brincadeiras e reforço escolar.

Para os adultos, propomos cursos de língua alemã no alojamento onde se encontram hospedados e na sala da paróquia próxima a nossa casa em Stuttgart. Para eles era difícil acompanhar as aulas.

“De onde vens? Onde moras?... não é fácil sequer para os professores dar exemplos mais simples, porque nesta situação palavras como pai, mãe, filhos, casa, país, morrem na boca. Essas pessoas perderam tudo, mas sente-se a vida pulsar fortemente dentro deles! Nota-se a sombra de uma constante preocupação para com os parentes cuja sorte está incerta e o desejo de retornar tão logo seja possível. Após a intervenção da OTAN e a chegada da KFOR, muitos deles aceitaram a oferta de uma viagem para a pátria para verificar de perto a possibilidade de um retorno. Durante as aulas do curso eles trocam informações sobre os parentes, conhecidos, fazem circular fotos de casas e de cidades bombardeadas ou queimadas. Alguém encontrou a própria casa ainda em bom estado, mas vazia: tudo foi roubado..., não há mais trabalho. Como será o futuro?” (Sulle strade dell'esodo, out-nov/99).

Um ano depois, a guerra acabou, a paz é protegida pelos soldados...

Os vistos de permanência para os re-

fugiados do Kosovo na Alemanha e na Suíça vencem. O desejo da maioria é de retornar, os que partem voluntariamente recebem um auxílio financeiro previsto pelo programa de repatriamento.

Muitos, porém, encontram-se diante de um passo muito difícil de ser dado, como é o caso da família de Xhevdet refugiada na Suíça com os oito filhos. Devem retornar para um solo sob o qual ocultam-se tantas minas explosivas. Ademais, sua casa foi totalmente destruída. A responsabilidade que Shevdet carrega nos ombros, como pai de família, leva-o ao desespero.

Não obstante toda a preocupação do órgão central para os refugiados na Suíça e das tentativas de sensibilização das organizações humanitárias junto às autoridades governamentais, todos, também pessoas idosas e doentes, mães que enviuvaram com seus filhos pequenos, pessoas fortemente traumatizadas, integrantes de minorias étnicas como os “Rom” de língua sérvia, os Askhali de língua albanesa, os albaneses do sul da Sérvia, todos deverão ser repatriados até o final do ano. *“Uma atitude dura para com os refugiados em situação de maior debilidade”* - assim se expressou o órgão central suíço para os refugiados.

Às autoridades cantonais é confiada a responsabilidade da execução das expulsões decididas em nível federal. A implementação de tal medida, porém, pode ser suspensa pelos mesmos por motivos humanitários. Em vista disso é que estamos nos empenhando num trabalho de sensibilização e de ajuda junto aos casos mais dramáticos. A responsável pelo policiamento dos estrangeiros concedeu-nos a possibilidade de um encontro. Tínhamos preparado, junto com um advogado, a apresentação de diversos casos de pessoas em situação extrema. Durante o encontro, revelou-se totalmente impossível o diálogo. Saímos de lá com o coração partido de dor, mas não resignados diante do impossível para as leis, e prontamente confiamos aqueles refugiados, bem como as pessoas que detinham a responsabilidade de decidir sobre o seu futuro, a Deus, o protagonista da história da salvação, ao qual nada é impossível.

Na escuta de Deus que penetra nos acontecimentos da história...

Não deixamos escapar a menor ocasião para sensibilizar as pessoas que cruzam conosco, nos mais diversos ambientes, sobre a situação dos refugiados, bem como de comunicar aquilo que recebemos deles, de ter confiança na própria oração. E assim, de modo surpreendente, recebemos um fax no qual estava escrito que uma senhora, juntamente com seus filhos, não seria expulsa. Num outro dia, um jornalista solicitou permissão para entrevistar alguns refugiados com o objetivo de sensibilizar a população. Por caminhos tortuosos, um político foi interpelado para impedir a expulsão de uma mãe albanesa com cinco filhos.

Uma política determinada enquanto a imprensa divulga sondagens

No ano de 1979, 63% da população da Suíça via positivamente os migrantes da ex-Iugoslávia; em 1989 este percentual caiu para 49% e, atualmente, está em 20%. Um dos principais motivos encontra-se na política de asilo. De cada quatro suíços, três a consideram inaceitável.

Existem motivos, que se tomados em consideração, podem evitar generalizações:

- algumas pessoas provenientes dos Balcãs chegam até a Suíça prevalecendo-se do direito de asilo: deixam seu país por necessidade de fuga ou na esperança de melhorar suas condições de vida e se entregam a grupos internacionais do crime organizado, dos quais elas mesmas acabam sendo as primeiras vítimas;

- boa parte dos refugiados é composta de jovens provenientes das classes sociais baixas;

- duas guerras e significativas mudanças na política interna têm sacudido, nos últimos dez anos, o estado balcânico da Iugoslávia e suas estruturas sociais.

Também nas escolas os estudantes suíços e os filhos de migrantes exprimem frequente mal-estar e medo em seus confrontos.

Sensibilização e formação para a convivência...

A Secretaria da Educação do Cantão de Solothurn, diversos professores e assistentes sociais têm solicitado à Cáritas local para promover junto a eles encontros de caráter formativo permanente visando possibilitar um conhecimento básico da história, da cultura, das religiões existentes entre as populações dos Balcãs, as consequências da guerra e da fuga sobre as crianças e para buscar, junto a mediadores interculturais, pistas para favorecer o encontro, o conhecimento recíproco, a colaboração, a convivência. Tais encontros também acontecem com assistentes sociais de diversas localidades.

"Vem e vê"

"Quando, há alguns anos, cheguei na Suíça, após dois dias e meio de viagem, para mim tudo era novidade: cultura, língua, tradições... Sentia-me inseguro e, com o passar dos anos, dentro de mim batia forte a saudade no coração pelo meu País, porque os meus patrícios, no Kosovo, estavam sendo oprimidos com o terror. Não posso esquecer. Como cristão sempre fui motivado a rezar pela paz, não somente para a minha gente, mas para o mundo inteiro. Ao mesmo tempo me pergunto: Por que existem certas desigualdades - gente poderosa e pequenos, ditadores e opressores. Por que Deus permite um mundo em que crianças inocentes são massacradas? Por que neste século foram cometidos tantos crimes, inclusive aqueles cometidos contra o meu povo no coração da Europa? Em todas estas questões o meu dever como cristão é o de seguir a Jesus pela mesma estrada que Ele percorre: visitar os enfermos e os prisioneiros, auxiliar os famintos, acolher os estrangeiros, perdoar". (Palush, albanês de Kosovo, pai de família).

"Suplico para não terem medo de nós albaneses. Somos apenas homens que desejamos viver em liberdade e paz, como vocês. Aprendi algumas lições da nossa triste história: a nossa verdadeira pátria não é um pedacinho de terra, que com o tempo passa e pode ser arrasada, mas

como diz a letra da música que entoamos juntos durante a festa de Scalabrini de Primavera: 'onde homens e mulheres se esquecem, põem-se a caminho; onde se doam com amor, superam o ódio e recomeçam de novo; aí se tocam céu e terra, Deus e os homens'". (Albert, estudante do Kosovo na Suíça).

São estes testemunhos de jovens e amigos que têm participado aos encontros do Centro Internacional Scalabrini, em Solothurn, bem como no Centro de Espiritualidade de Stuttgart dos Missionários Scalabrinianos.

Estes centros estão a serviço da formação cristã-católica de jovens, migrantes, pessoas de diferentes nacionalidades e etnias encontradas ao longo das estradas do êxodo que desejam ultrapassar os confines de um mundo dividido pelas cercas dos regionalismos, nacionalismos, das injustiças e da emigração, para abrir-se a uma nova cultura cuja marca seja a solidariedade. Motivados por isso, aprendemos juntos a praticar a acolhida do outro em sua diversidade, possível na acolhida de Jesus morto-ressuscitado, frequentemente estrangeiro em nossa vida, que está à porta e bate.

...Um rio que avança com força...

Onde a lei para, a fé continua esperando e abrindo espaços possíveis a Deus, no impossível aos homens. Durante a festa de Scalabrini, ocorrida em Solothurn entre 29 de abril e 1º de maio de 2000, com a participação de 150 jovens e adultos provenientes de 18 países, temos experimentado que, apesar duma Europa feita fortaleza, das leis sempre mais fechadas e restritivas em relação aos imigrantes, apesar do clima de medo e de impossibilidade gerado por egoísmos pessoais e coletivos, alimentado pelos Meios de Comunicação Social, está avançando, pelas pequenas trilhas do cotidiano, um rio: o rio da atenção ao outro, do respeito pela dignidade da pessoa humana, da acolhida, de novos relacionamentos, de gestos de solidariedade e amor gratuito.

**** Béatrice Panaro é Missionária Secular Scalabriniana.***

Kosovo

Geografia

É uma parte da República Federal da Iugoslávia;
Superfície: 10.887 Km², dos quais 30% agricultáveis e os restantes 70% são montanhas;
É uma das regiões mais ricas da Europa em recursos naturais.

População

O último censo de 1981 revelou uma população de 1.600.000 habitantes, dos quais 88% albaneses, aproximadamente 7% sérvios, 0,4% montenegrinos e turcos, 2% Rom e outros. Metade da população tinha menos de 20 anos de idade.
Quanto à ocupação, dados de 1988 mostram que a cada mil pessoas 124 tinham trabalho; no começo dos anos 90 houve demissões em massa; 50% da população sobrevive graças a pequena agricultura.
Uma família da zona rural conta em média com 7,9 pessoas e uma residente na cidade 5,5 pessoas.
Em termos religiosos, 95% são muçulmanos e 5% católicos. Para os albaneses, a identidade étnica é muito mais determinante que sua própria crença.

História do Kosovo

III séc. a.C.	Os albaneses descendem dos Ilírios que viviam na Albânia e no Kosovo
II séc. a.C.	Dominação romana
II-V d.C.	Cristianização dos albaneses
XII-XIV	Período florescente dos grande reinado sérvio: a Igreja sérvia-ortodoxa rebatiza os albaneses Os sérvios ocupam os prósperos vales e os albaneses são empurrados em direção às montanhas
XVI-XIX	Islamização dos báltãs: os 'Osmani' não reconhecem as comunidades linguísticas e étnicas, somente as religiosas. Os muçulmanos pagam menores taxas, motivo pelo qual muitos albaneses aderem ao Islamismo.
1876	Desde a criação do Estado nacional sérvio, a história dos albaneses é marcada pelo aniquilamento e pela expulsão.
nov/1968	Grandes manifestações pela igualdade das populações na Iugoslávia, pelo reconhecimento da língua albanesa, da bandeira e do direito às suas escolas.
1970	Fundação da Universidade de Pristina.
1971	Com as mudanças constitucionais na Iugoslávia, o Kosovo recebe autonomia.
3/4/1981	Manifestações estudantis
1987	Slobodan Milosevic assume a direção do comitê central da federação comunista sérvia. Lança uma campanha contra as populações não sérvias da Iugoslávia e seus representantes legais.
mar/1989	É abolida a autonomia do Kosovo.
2/7/1990	Os parlamentares do Kosovo criam a República no seio da Iugoslávia. Primeiras eleições parlamentares e presidenciais. Os direitos humanos são continuamente violados com a prática de injustiças e perseguições.
25/11/1997	Encontros entre a polícia sérvia e as primeiras unidades do exército para a libertação do Kosovo, que se formou clandestinamente.
mar/1998	Primeiros ataques da polícia especial sérvia na região de Drenica. O conflito eclode em guerra aberta.
24/3/1999	Internacionalização do conflito com intervenções da OTAN.
jun/1999	Fim dos ataques militares da OTAN, chegada de KFOR.

Albaneses do Kosovo na Suíça e na Europa

Anos 60	Chegam os primeiros como trabalhadores sazonais
1981	Após as manifestações da primavera chegam os primeiros refugiados na Suíça
1989-1991	Após o fim da autonomia e a eclosão da guerra na ex-Iugoslávia, a Suíça transforma-se cada vez mais em país de asilo para albaneses perseguidos e jovens albaneses que desertam das tropas
Anos 90	Os pedidos de asilo dos albaneses do Kosovo representam 1/3 do total dos pedidos Muitos migrantes fazem chegar também suas famílias
3/99-6/99	Aproximadamente 445.000 pessoas fogem na Albânia, 244.500 na Macedônia, 70.000 em Montenegro. Dessas, 90.000 são transferidas para 29 outros países. A grande maioria dirige-se para a Alemanha ou para a Suíça, onde já possuem algum parente.

Na Suíça, a população albanesa do Kosovo é de aproximadamente 190.000 pessoas. São sobretudo migrantes para o trabalho. Representam o 2º grupo depois dos italianos.